

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Sebinca Christo: cigana milagreira na terra dos coronéis

Lourival Andrade Júnior¹

RESUMO

A cidade de Lages em Santa Catarina é marcada por uma religiosidade não oficial que denota um catolicismo popular pouco freqüente em outros pontos do Estado. São seis túmulos permanentemente cultuados, com destaque para o túmulo de Sebinca Christo, cigana, morta em 1965, e desde então passou a operar milagres. Nestas terras dos coronéis e de uma política intensa da Igreja Católica por meio dos franciscanos em desqualificar estas devoções, o cemitério e seus túmulos de milagreiros pervertem esta ordem e fazem destes locais um abrigo seguro para o povo demonstrar suas religiosidades. No túmulo de Sebinca, além velas e flores, muitos cigarros, baralhos, perfumes, brincos, colares, bebidas e batons (onde os devotos escrevem com eles seus pedidos no túmulo). A cigana Sebinca que sofria os mesmos preconceitos que ainda sofrem os ciganos, hoje opera milagres e possui respeito da sociedade onde está enterrada.

Palavras-Chave: Religiosidade – Catolicismo Popular - Milagreira

A cidade de Lages fica localizada no planalto serrano de Santa Catarina. Fundada como o interesse de proteger as posições avançadas dos portugueses que temiam uma possível invasão de espanhóis nesta região.

Independente desta situação militar que era uma preocupação constante no sul do Brasil colonial, os Campos de Lages estavam no caminho dos tropeiros que levavam suas tropas de mulas do Rio Grande do Sul até Sorocaba e, devido ao local ser apropriado para pastagem com campos abertos e coxilhas, a região tornou-se “com o passar do tempo, um ponto de invernção de tropas, um lugar onde os tropeiros se deixavam ficar longos meses, descansando seus animais, refazendo-os, para a etapa final.” (COSTA, 1982: 36).

Fundada em 1766, depois de algumas mudanças do local onde seria erguida a capela em homenagem a Nossa Senhora dos Prazeres, por ordem de Dom Luiz Antônio de Souza Botelho e Mourão, Morgado de Matheus, seu devoto, que em 1765 chegou a Santos para assumir o Governo da Capitania de São Paulo e que definiu que era necessário e urgente abrir uma ou duas povoações no extremo sul de seu território. Sendo assim, ergueu-se a capela em homenagem a Nossa Senhora dos Prazeres dos Sertões das Lagens, tendo como fundador do lugar Antonio Corrêa Pinto, que se tornaria o maior proprietário da região, dono

¹ Universidade Federal do Paraná (Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História - Linha de Pesquisa: Cultura e Poder).

de uma enorme quantidade de cabeças e gado e perseguidor implacável dos bugres da região. Vale destacar que todos os índios receberam o alcunha de bugre, independente de ser xokleng, kaingang ou outra tribo com menor número de indígenas.

No mesmo caminho de Corrêa Pinto, grandes produtores pecuaristas vão se fixar na região, além de madeireiros que durante muitos anos tornaram esta região uma das mais ricas do Estado, mas que na década de 50 esta atividade entra em colapso pela retirada desordenada de araucárias, não havendo na época nenhuma política de reflorestamento. Neste sentido, permaneceram os pecuaristas que ainda dominam economicamente o planalto serrano.

Voltando aos tropeiros, que aos poucos vão se tornando moradores da região, em suas viagens pelo interior do Brasil, conviviam com uma série de adversidades climáticas, de luta com índios, de embate com os assaltantes de gado, mas também conviviam com um imaginário fantástico, onde as crendices e as lendas se confundiam com a realidade vivida.

Os tropeiros eram na maioria das vezes um tanto fanáticos, tinham suas crendices e superstições pois na maioria eram analfabetos ou semi-analfabetos. Os tropeiros costumavam ter visões como: a mula-sem-cabeça, o lobisomem, o boitatá. Além disso ainda, o gritador, e ainda viam velas acessas andando de pinheiro em pinheiro onde sentiam tanto medo ao ponto de correr. (PIRES & CORRÊA, 1991: 35)

Esta relação muito viva com o maravilhoso fez com que uma quantidade bastante significativa de histórias permanecessem vivas no imaginário e no cotidiano de todos que passaram a viver nesta região.

Um ponto importante, é que estes tropeiros revelavam uma profunda religiosidade. “Seguiam todos os preceitos católicos, guardavam a quaresma e faziam as orações. Rezavam sempre o terço” (PIRES & CORRÊA, 1991: 35). Mas, suas crendices e gestos religiosos, demonstravam que aquilo que não era oficializado pelas instituições católicas e aquilo que era sentido diante de suas vivências tinha um lugar de destaque na sua forma de se relacionar com o sagrado. Foram marcas que se amalgamaram na construção deste espaço cultural religioso e das pessoas que passaram a administrar sua vida entre o oficial e não oficial.

Neste contexto, a devoção aos mortos, tanto homens, mulheres e crianças, não reconhecida pela Igreja cresceu neste universo de imaginários coletivos e de religiosidades do povo.

Entre estas devoções, destacamos Sebinca Christo, na verdade se chamava Cefinka Chirston, segundo seu atestado de óbito, filha de Thomaz Ivanol e Juliana Christon, grega e de profissão: cigana.

Nascida em 1886 (dia e mês são desconhecidos) e falecida em 09 de março de 1965 em um acampamento cigano na Rua Quintino Bocaiúva na cidade de Lages no Estado de Santa Catarina.

Sua morte conforme óbito assinado pelo Dr. Clito Zapelini Neto, foi causada por derrame cerebral, hipertensão arterial e arteriosclerose. Segundo Dr. Heron Anderson de Souza, Diretor Geral do Hospital Tereza Ramos, provavelmente Dr. Clito já conhecia a paciente, visto ser muito difícil detectar este tipo de óbito apenas com o cadáver, neste sentido requer um conhecimento prévio das doenças do paciente.

A morte de Sebinca, nada se relaciona com morte drástica e dramática como atestam os jornais até nossos dias. No Jornal “A Notícia”:

“A cigana Sebinca, que já tinha fama na cidade antes de morrer, foi estuprada e torturada em 1965, o que motivou sua morte. Seu túmulo passou a ser bastante visitado, principalmente pelas pessoas mais simples. A história dos milagres que teriam ocorrido se espalhou, atraindo maior atenção.” (JORNAL A NOTÍCIA, 1999: A-7)

Ainda em outro Jornal “A Notícia”:

“A cigana Sebinca Christo era uma pessoa bastante popular em Lages, nas décadas de 50 e 60. Certo dia, em 1965, Sebinca foi assaltada, torturada, estuprada e assassinada em uma rua da cidade. Enterrada, começou a operar milagres.” (JORNAL A NOTÍCIA, 2000: A-6).

Ao trazermos a tona uma cigana que com o caminhar da história tornar-se-á milagreira para milhares de pessoas, trataremos um pouco dos ciganos.

Os ciganos são, historicamente, nômades e por isso foram combatidos e perseguidos, por esta e por outras razões. “O nomadismo é totalmente antitético em relação à forma de Estado moderna. E esta se preocupa constantemente em suprimir o que considera a sobrevivência de um modo de vida arcaico. Fixar significa a possibilidade de dominar”. (MAFFESOLI, 2001: 24).

Num caminho diametralmente oposto a esta fixação estão os ciganos que saem da Índia e se espalham pelo mundo levando consigo sua cultura e suas experiências.

Os ciganos buscam em seu nomadismo uma independência em relação ao outro cultural e com isso conseguem manter sua cultura quase intacta e ao mesmo tempo manter um estado de permanente tensão entre seus membros e as culturas que em seu périplo o contato é inevitável. Permanecer estranho ao outro é uma das táticas encontradas por eles para não segmentar suas práticas e de certa forma amalgamar seus discursos enquanto grupo social. (FONSECA, 1996).

A idéia de entender estas relações e suas facetas é que me fez perceber que ao longo dos anos a historiografia negligenciou o estudo das culturas marginais. Cabe aqui estabelecer um conceito para o que desejamos estabelecer como marginal.

Normas e regras foram sendo forjadas ao longo dos tempos fundamentalmente por aqueles que detinham o poder da escrita e das esferas de controle social, neste sentido, o Estado burguês e anteriormente a Igreja Católica estabeleceram estas normatizações que definiam o que era certo e aceitável, do que deveria ser desprezado e punido. Esta punição não foi apenas concreta ou física, mas acabou construindo preconceitos que até hoje povoam as mentes e as condutas em nosso tempo, contribuindo para uma enorme exclusão social. A historiografia, nos últimos anos, tem tentado derrubar estes muros passando a pesquisar também estes grupos sociais até então invisíveis e amordaçados.

Não há dúvida que um dos grupos que mais fugiram ao longo dos tempos de normatizações, não se enquadrando em leis estabelecidas pelos “gajões ou gadjés” (não ciganos) foram os ciganos, e por conta disto, foram radicalmente perseguidos.

Outro conceito que acabou sendo incorporado contra os ciganos foi o de “vagabundagem”.

“O mendigo era tolerado; o vagabundo odiado. Guillaume du Breuil, em seu tratado sobre a prática do Parlamento, define a vagabundagem pela ausência de domicílio; outras fórmulas exprimem-na assim: demeurant partout – ‘que mora em toda parte’ – e sans feu ni lieu – ‘sem fogo nem lugar’, ‘sem domicílio’. A expressão sans aveu – ‘sem moralidade’ -, mais explícita, traduz bem a marginalidade.” (MOLLAT, 1989: 241-242)

Perseguições fizeram e fazem parte da vida dos ciganos em quase todo o mundo. Estes andarilhos possuem a “arte de produzir território em movimento” (MARQUES & BROGNOLI & VILLELA: 1999), alargando suas fronteiras e carregando consigo sua cultura, memórias e hábitos. O espaço da praça, onde lêem à sorte, vendem peças de bronze e cobre, também é um espaço de todos e por assim dizer, por várias vezes controlado por normatizações que impediam algumas práticas nas ruas.

Percebemos várias práticas ciganas entre as que foram proibidas ao longo do tempo (latoeiros, donos de ursos amestrados, tocadores).

No Brasil a perseguição não foi diferente. Em 1829 a Câmara Municipal de Sabará proibiu “vagabundos, viciosos e ciganos” nas povoações e fazendas do município. (DUARTE, 1995: 78)

Além das perseguições, já ouvimos de todos os cantos pessoas falando dos roubos dos ciganos (principalmente de crianças, atualmente, e cavalos e burros no passado), além de serem chamados de maltrapilhos, sujos, desordeiros e tantos outros impropérios.

Também as mulheres ciganas são comparadas com bruxas, estas últimas, duramente acusadas como heréticas pelos cânones católicos desde a Idade Média e que fazem parte da lista de marginais que precisavam ser perseguidos e exterminados. (BUCKLAND, 2000: 31)

Esta habilidade de lidar com plantas e fazer remédios para várias moléstias, Sebinca Christo possuía. Segundo Paulo Franklin (entrevistado em 2003 e que era filho de Wenceslau Franklin, proprietário da única funerária em 1965. Paulo também ajudou a arrumar Sebinca em seu caixão), muitas pessoas recorriam a Sebinca buscando a cura para alguma doença. As mães levavam seus filhos que recebiam remédios feitos à base de ervas, caso Sebinca não estivesse para entregar no momento, fazia logo depois e enviava para a pessoa que necessitava.

Está aí mais uma das facetas de Sebinca, que fazia dela muito popular e procurada nas vezes que passava por Lages. Ao que se nota, esta procura por Sebinca continuou após sua morte.

Outro detalhe que chama a atenção são as oferendas deixadas pelos devotos em seu túmulo. Os pedidos são variados: emprego, cura para doenças, parar de fumar, passar de ano no colégio e principalmente pedidos relacionados com namoro e casamento.

São deixados na sepultura de Sebinca: garrafas de champagne (cidra e espumante), muitos cigarros acesos, batons vermelhos (que são utilizados pelos devotos para escrever seus pedidos no azulejo azul escuro do túmulo), balas e pirulitos, baralhos, bijuterias, velas e muitas flores.

Velas e flores são comuns em qualquer túmulo em nossos cemitérios. Em relação às outras oferendas, gostaria de dividi-las em dois grupos.

Primeiramente, as balas e pirulitos. Segundo alguns entrevistados, existem duas possibilidades para estas oferendas estarem ali. Inicialmente diria respeito à Sebinca fazer muitos remédios para as crianças e por isto as mães hoje continuam a fazer pedidos de cura e

levam para Sebinca aquilo que seus filhos mais gostam. Outra versão conta que são oferendas para os netos de Sebinca que estão enterrados no mesmo jazigo. Cid Christo, falecido em 1972 (bebê de mais ou menos um ano, como mostra sua foto) e Christopher Christo (tendo morrido em 1999, viveu apenas 7 dias).

As outras oferendas já citadas são estranhas aos olhares de quem visita um cemitério cristão. Observando mais atentamente, ainda percebe-se, que ao lado de seu túmulo, junto ao muro do cemitério foi construído um velário em substituição a uma casinha coberta, onde são acesos os cigarros e as velas.

Diante destes dados, percebe-se uma confusão entre a imagem de Sebinca, a cigana, com a imagem de uma Pomba-Gira, já que as oferendas dedicadas a Sebinca também o são para as pomba-giras. A cidra, os cigarros, os batons e as bijuterias demarcam bem este espaço, que junta num mesmo universo a cigana que receitava remédios e a Pomba-Gira que une ou desune casais.

Outro detalhe que começa a aparecer no túmulo de Sebinca, são as placas de mármore e madeira que indicam que algumas pessoas já agradecem “graças alcançadas”, como é o caso de “M.D.S” (placa de madeira) e Antônio Damasceno, primeiro a colocar uma placa em seu túmulo e que segundo ele ainda não recebeu nenhuma graça, mas já colocou porque sabe que um dia Sebinca vai atendê-lo.

Sebinca, mesmo depois de mais de 40 anos de sua morte, continua sendo lembrada e cultuada por muitos devotos, que acreditam em seu poder imediatista de resolver problemas e atender pedidos.

Cigana, que conviveu com os olhares de estranhamento de uma sociedade sedentária, ainda continua a ser (pelo menos no imaginário popular) confundida com outros personagens que permeiam a religiosidade popular. Ela é uma personagem viva deste imaginário.

O culto a Sebinca Christo, nos dá uma idéia de como a religiosidade não oficial engendra saídas e dita normas, criando uma nova relação entre o visível e o invisível, não um sincretismo formal e conceitual, não uma mistura de cultos, mas uma nova forma de se relacionar com o sagrado. Esta fê ultrapassa as regras estabelecidas e as santificações oficiais.

Depois de buscar informações nos jornais locais, principalmente no Correio Lageano e no jornal A Notícia, de circulação estadual, percebe-se uma total desinformação entre os dois veículos. No jornal de circulação estadual, Sebinca aparece como a cigana que foi torturada, estuprada e assassinada, a partir daí passou a operar milagres. Já de circulação

municipal e regional, apenas aparece a informação de que seu túmulo é muito visitado durante o dia de finados.

Não há nenhum processo criminal, nem tão pouco inquérito policial que se relacione a este crime ocorrido em Lages em 1965, isto foi comprovado após detalhada pesquisa no Depósito Público Judicial da Comarca de Lages.

Também no Hospital Nossa Senhora dos Prazeres, consultando o livro de internações não há entrada de nenhuma paciente com o nome Sebinca ou coisa parecida.

A descrição mais precisa ainda é de Paulo Franklin, que possui o óbito de Sebinca e lá informa a causa de sua morte: derrame cerebral, arteriosclerose e hipertensão arterial. Paulo Franklin e seu pai Wenceslau Franklin, após arrumar o corpo de Sebinca o conduziram até o acampamento em um carro funerário Dodge 52. Durante três dias houve festa e somente no dia 12 de março de 1965 (três dias após sua morte), Sebinca foi enterrada no Cemitério Cruz das Almas.

Seu túmulo continua com a cor azul escuro, mas agora recebeu uma cruz em sua cabeceira. Nas primeiras visitas em 2003 ao cemitério este ícone não existia, como comprovam as fotos retiradas no local. Também agora recebeu o número de identificação 549. O túmulo de Sebinca foi cristianizado.

Mesmo diante de tantas evidências de uma morte natural para Sebinca, as pessoas que visitam seu túmulo e que pedem graças ainda estão convencidas de sua morte trágica.

A martirização dignifica a prática religiosa. O corpo deve sofrer em benefício do espírito. (VARAZZE, 2003).

“Divinização de pessoas comuns, subjetivismo religioso, criação de santos imaginários e um espiritualismo sem muita formação religiosa, os ditos santos populares, que se realmente fizerem algum milagre e for comprovado, eu serei o primeiro a levar uma vela em seu túmulo”, indagou Dom Oneris Marchiori, Bispo da Diocese de Lages.

Neste sentido, não foi nada fácil para a Igreja impor suas práticas ao “caboclo” de Lages que “tinha outras formas de se relacionar com o sagrado”. (SERPA, 1997: 79)

As tentativas da Igreja de normatizar as práticas religiosas populares, tornando-as inferiores, é percebida em vários momentos na história. Na região serrana isso se dá principalmente quando da fixação dos franciscanos na região em 1891. Os bispos e religiosos em geral estavam ligados às elites locais e referendavam, mutuamente, seus poderes espirituais e temporais. Tudo isso, para alinhar a Igreja aos princípios doutrinários emanados da Santa Sé.

Neste emaranhado entre o que é permitido, lícito e aceito, várias são as táticas de sobrevivência criadas e recriadas por aqueles que acreditam em milagres de pessoas necessariamente não reconhecidas pela Igreja como verdadeiramente santos e representantes da fé cristã. “Embora sejam relativas às possibilidades oferecidas pelas circunstâncias, essas áticas desviacionistas não obedecem à lei do lugar.” (CERTEAU, 1994: 92)

Neste contexto social e cultural, surgem vários “fazedores de milagres” e que são cultuados e reverenciados por diversos setores da sociedade, em especial, pelas pessoas de mais baixa renda. Sebinca Christo é fruto deste imaginário e desta expectativa popular de resolução de problemas imediatos e com eficiência. A fé começa a se manifestar nos pedidos a cigana e nas oferendas entregues a ela em seu túmulo. O devoto passa a ser responsável pela construção desta santidade, neste sentido “um não existe sem o outro”. (VALLA, 2001: 35).

Referências Bibliográficas

- BUCKLAND, Raymond. Magia e feitiçaria dos ciganos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSTA, Licurgo. O Continente das Lagens. Florianópolis: FCC, 1982
- DUARTE, Regina Horta. Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no Século XIX. Campinas: UNICAMP, 1995.
- FONSECA, Isabel. Enterrem-me em pé. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MOLLAT, Michel. Os pobres na Idade Média. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- MARQUES, Ana Claudia. & BROGNOLI, Felipe Faria. & VILLELA, Jorge Luiz Mattar. Andarilhos e Cangaceiros: a arte de produzir território em movimento. Itajaí: Univali, 1999.
- PIRES, Neusa Scoz & CORRÊA, Zenaide Freitas. Base Histórica de Lages através dos tropeiros. Lages: 75, 1991.
- SERPA, Élio Cantalício. Igreja e Poder em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1997.
- VALLA, Victor Vincent (org). Religião e cultura popular. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- VARAZZE, Jacopo de. Legenda Áurea: vidas de santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PERIÓDICOS

Jornal A Notícia: Joinville, Quarta – Feira 03 de novembro de 1999, n. 21.411. p. A-7.

Jornal A Notícia: Joinville, Sexta – Feira 03 de novembro de 2000, n. 21.773. p. A-6.